

Hortas já mobilizam 500 moradores

Philio Terzakis

Da equipe do Correio

Couve, alface, chuchu, pimenta, pimentão, beterraba, cenoura, milho, espinafre. Não é lista de compras. É horta comunitária.

Desde novembro do ano passado, mais de 500 moradores da Ceilândia, em parceria com o governo, estão plantando verduras e legumes que são distribuídos pela comunidade.

A cidade tem hoje quatro hortas, cultivadas em terrenos no centro da cidade, na Guariroba e na Expansão do Setor O. Tem ainda um horto de plantas medicinais.

“O difícil é começar por causa da necessidade de preparar a terra e conseguir equipamento, sementes e adubo. Depois, é só manter a horta”, afirma o diretor da Divisão de Agricultura de Ceilândia, Luiz Sérgio dos Santos.

Na parceria, o governo do Distrito Federal (GDF) dá o primeiro empurrão. Empréstia a terra e as máquinas e fornece assistência técnica. Além disso, parte da mão-de-obra é formada por funcionários do GDF.

“Mas se a comunidade não participasse, a idéia não funcionaria”, diz Santos. Ele conta que, no início, a meta da Administração Regional era cultivar seis hortas. Mas a pouca adesão de alguns habitantes ao projeto

fez com que apenas três chegassem a dar frutos.

DIFFICULDADES

A presidenta da Associação Comunitária da Nova Guariroba — setor de Ceilândia — Eliana Mendes Nogueira, diz que não se trata de falta de boa vontade da população. “É que temos dificuldade em conseguir adubo e até em pagar a conta de água para irrigação”, afirma.

As pragas são outro problema. “Quando o caso não é grave, tratamos as plantas com uma mistura de fumo e sabão. Do contrário, partimos para a catação”, explica Eliana. Ela é funcionária pública e trabalha oito horas por dia. Por isso, só tem os finais de semana para se dedicar às hortas.

A Nova Guariroba tem duas hortas comunitárias. Uma delas está sofrendo bastante com a seca e a falta de água e adubo. Cerca de 560 moradores contribuem mensalmente com o caixa da associação, com a taxa de R\$ 2, que nem sempre é suficiente para a manutenção da horta, segundo Eliana.

FEIRA

Os moradores esperam que a horta se recupere durante o curso de agroecologia que será dado pelo GDF, por meio do Programa de Qualificação Profissional. Nessa ocasião, os fun-

cionários públicos fornecerão adubo e água para as aulas práticas.

No setor, 15 famílias são responsáveis pelo cultivo dos vegetais, divididas em escala, adequada ao ritmo de vida de cada um. A maior parte da produção é dividida entre os que ajudam a manter a horta. O restante é vendido a preços mais baixos que o do mercado para outros moradores.

A maior parte dos legumes e verduras cultivados fica nos pratos dos ceilandenses. Não só dos que participam do projeto. Os menores abandonados, os idosos, os deficientes e até os pedintes da cidade também recebem sua cota mensal de vegetais. Até os funcionários do GDF, que trabalham nas hortas, não deixam de receber seu quinhão.

“Quase toda semana, eu levo uma feirinha para casa”, conta Mário Divino da Gama, 61 anos, morador de Samambaia e servidor público cedido pelo governo, para trabalhar na horta de fundo de quintal do Instituto Candango de Solidariedade. “Só não levo quando estou com preguiça de carregar os sacos de comida até minha casa, em Samambaia”, diz Cedri-
no Teles de Amorim, 55 anos, outro funcionário da horta.

Se você quer organizar uma horta comunitária, procure maiores informações junto à administração de sua cidade.